

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS MARES DA EUROPA
3 de Julho de 2021

PEGIY PYOS, BEGUSHCHIY KRAEM MORYA / 1991
(“Cão Malhado Correndo à Beira Mar”)

Um filme de Karen Gevorkian

Realização: Karen Gevorkian / Argumento: Karen Gevorkian e Tolomush Okeev, baseado num livro de Chingiz Aitmatov / Direcção de Fotografia: Karen Gevorkian, Igor Belyakov e Rudolf Vatynian / Direcção Artística: Yevgeny Striletsky e Georgi Usenko / Música: Shandor Kalosh / Som: Aleksandr Kuzmin / Com: Bayarta Dambaev, Aleksandr Sasykov, Dolshan Zolzhakhinov, Tokon Daiyrbekov, Lyudmila Ivanova, etc.

Produção: Goskino – Estúdios Dovjenko – Allianz - ZDF / Cópia: 35mm, cor, falada em russo com legendagem electrónica em português / Duração: 132 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Eis um filme que nos leva para o limite dos “mares da Europa”, tão no limite que, em rigor, se trata já do Pacífico, na costa asiática da Rússia (ou visto que o filme estreou em 1991, ainda da União Soviética), e na região da ilha de Sakalina, a norte do Japão, e há muitas décadas (ainda hoje), um espinho na relações nipo-russas. Vale esta introdução geográfico-política apenas para situar o filme de Karen Gevorkian (que aliás nasceu bem longe dali, em Yerevan, na Arménia, em 1941), porque uma vez lá dentro, todas essas questões (a história e a geografia política) são razoavelmente irrelevantes e em destaque está, de certa forma, o oposto disso, a identidade e os costumes de uma comunidade que vive no mais completo isolamento, e por onde o tempo (o tempo histórico) não passa de maneira significativa, adivinhando-se que este modo de vida e estas acções se desenrolem, sem grandes mutações, há décadas, séculos, mesmo eventualmente mais do que isso.

Karen Gevorkian, como assinalámos de origem arménia, é um nome perfeitamente escondido das últimas décadas do cinema soviético. As filmografias dão o início da sua obra nos anos 60, e há indicação de ter realizado filmes pelo menos até aos anos 2000. Este que vamos ver hoje foi, dentro duma obra que permanece obscura, um dos momentos de maior notoriedade, também graças ao destaque conseguido no Festival de Moscovo de 1991, onde conquistou um dos prémios principais.

Aquilo que **Cão Malhado Correndo à Beira Mar** tem de mais significativo estará na conciliação de dois registos dificilmente conciliáveis (ou pelo menos raramente conciliados), o documentário etnográfico e o romanesco. Não parece, durante as muitas e longas cenas em que Gevorkian filma, em extensão, as actividades daquela comunidade (a caça, o esfolar de um urso, os rituais, a preparação de tudo isto), mas o filme é uma adaptação de um romance de Chingiz Aitmatov, eventualmente (falamos em desconhecimento do livro) já de matriz etnográfica. Mas quer ela estivesse já muito ou pouco presente no livro de Aitmatov, a dimensão visual e descritiva (como um descendente longíquo de Flaherty e do seu **Nanook**, que são um nome e uma referência que ocorrerão mais do que uma vez durante o visionamento, ou como um parente próximo de alguns filmes do quase contemporâneo, mas posterior, Sergei Dvortsevov) sobrepõe-se a qualquer raiz literária – e nem é, como agora se diz, “ficção do real”, é mesmo “documento do real”, seja qual for o grau de encenação no trabalho de Gevorkian.

O que não quer dizer que o romanesco e ficção não encontrem, a partir de certa altura, a sua “vingança”, ainda que sem anular absolutamente nada do que no filme existe enquanto “documento” e enquanto “real”. Falamos da magnífica sequência final, para que todo o filme parece uma longa preparação, com os caçadores/pescadores perdidos à deriva na sua canoa, porque se pôs nevoeiro e, sem a luz do sol, não têm como orientar-se no regresso a terra firme. Sem diálogos, como praticamente todo o filme (apenas uma ocasional voz off, cuja importância nos escapa – vimos o filme sem tradução), o último terço do filme de Gevorgian converte-se numa história de abnegação e sacrifício, mas também – o garoto, último sobrevivente – de alguma esperança.

Luís Miguel Oliveira